



JUNIOR, José Temístocles Ferreira; AZEVEDO, Natanael Duarte de; CAVALCANTE, Mariane C. B. **Adivinha o que há entre a transparência e a opacidade da linguagem: elementos para uma abordagem enunciativa dos sentidos no discurso.** *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 14, Dezembro 2013. [<http://www.revistadiadorim.lettras.ufjf.br>]

ADIVINHA O QUE HÁ ENTRE A TRANSPARÊNCIA E A OPACIDADE DA LINGUAGEM: ELEMENTOS PARA UMA ABORDAGEM ENUNCIATIVA DOS SENTIDOS NO DISCURSO

José Temístocles Ferreira Júnior (UFPB)¹

Natanael Duarte de Azevedo (UFPB)²

Marianne C. B. Cavalcante (UFPB)³

RESUMO

O objetivo do nosso trabalho é analisar formas de manifestação e de funcionamento dos sentidos nas adivinhações tendo em vista uma abordagem enunciativa da semântica da língua no discurso. Para isso, iremos observar dois aspectos distintos responsáveis pela singularidade dos sentidos nas adivinhas: de um lado, as operações textual-discursivas envolvidas na organização composicional deste gênero, como destaca Adam (2011), e, sob outro ângulo, tomando por base as considerações de Authier-Revuz (1998) a respeito das modalizações autonômicas, abordaremos questões linguístico-enunciativas implicadas no modo particular com que os sujeitos tomam a linguagem como objeto de discurso nas adivinhações. Nossos dados mostram que a singularidade do funcionamento semântico das adivinhas reside justamente em sua propriedade de implicar operações textual-discursivas ao mesmo tempo em que explicita aspectos metaenunciativos envolvidos no uso da linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Adivinhações. Sentido. Operações textual-discursivas. Metaenunciações. Discurso.

ABSTRACT

The point of our work is to analyze forms of manifestation and operation of the senses in riddles under the scope of thinking elements for a semantics expository approach of the language on speech. For this,

1. Aluno do doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística/Universidade Federal da Paraíba. josetemistocles@yahoo.com.br.

2. Aluno do doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras/Universidade Federal da Paraíba. natanael.duarte.ufpb@hotmail.com.

3. Professora de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal da Paraíba e do Programa de Pós-Graduação em Linguística. marianne.cavalcante@gmail.com.

we observe two distinct aspects responsible for the uniqueness of the senses in riddles: on one hand, textual-discursive operations involved on the organization of this compositional genre, as highlighted by Adam (2011), and, from another angle, based on the considerations of Authier-Revuz (1998) about the autonimics modalizations, we discuss issues involved in enunciative language particular way that the subjects take the language as an object of discourse on riddles. Our data show that the uniqueness of the semantic workings of riddles lies precisely in your property involves discursive textual operations while it explains metaenunciatives aspects involved in the use of the language.

KEYWORDS: Divination. Sense. Discursive textual operations. Metaenunciations. Speech.

*Decifra-me ou devoro-te: “Que animal caminha com quatro pés pela manhã, dois
ao meio-dia e três à tarde e é mais fraco quando tem mais pernas?”*

O enigma da Esfinge⁴

Introdução

A mitologia já ilustrou, de modo perspicaz, o poder enigmático dos sentidos das palavras, de sua insistência em não se mostrar por completo. Os sentidos, a um só tempo, estão e não estão na língua e nesta relação dialética encontram formas de servir aos sujeitos. Às vezes os sentidos dizem mais do que se pretendia, às vezes, dizem menos que o desejado, e, às vezes, também podem dizer outra coisa. Frequentemente, o sentido das palavras escapa ao sujeito e acaba revelando algo sobre a língua. E desse caráter esquivo, fugidio e insubmisso dos sentidos da língua muitos já tiraram (e ainda tiram!) proveito. No mito grego, a Esfinge colocou-se às portas da cidade de Tebas e propôs o enigma aos viajantes que por ali passavam, punindo com a morte todos aqueles que erravam a resposta. Édipo, porém, diante de tal enigma, respondeu desvendando-o: “o homem, pois ele engatinha quando pequeno, anda com as duas pernas quando é adulto e usa bengala na velhice.” Note-se que, para chegar a essa conclusão, foi necessário ir além do sentido aparente da cadeia linguística, pensar as diversas possibilidades de relações entre significantes e encontrar em um emaranhado de significações possíveis alguma coerência.

Por esse raciocínio, na própria linguagem há um transbordamento natural de significações irreduzíveis ao plano das formas e facilmente perceptíveis quando de sua colocação em funcionamento. Em consequência, a língua, tomada como instância da linguagem, segue traindo a vontade do sujeito,

4. Retirado do site: http://www.nte-jgs.rct-sc.br/~maismatematica/Desafios/enigmas_da_esfinge.htm. Acessado em 08/08/11.

subvertendo a aparente homogeneidade estrutural, deixando à mostra os sintomas que nos levam a entender a máxima de Henry (1992) segundo a qual a língua seria “uma ferramenta imperfeita”. Em outras palavras, questiona-se: onde está o sentido? Ou mesmo: será que os sentidos estão na língua?

Essas questões já serviram e ainda servem como pano de fundo para muitos embates entre as diferentes perspectivas da Linguística contemporânea, motivados, sobretudo, por nuances teóricas e metodológicas verificáveis na maneira com que cada área define em seus escopos de análise a língua/linguagem e o sujeito. Examinaremos a questão tomando como referência um caso especial de funcionamento dos sentidos: as adivinhações. Estes gêneros de discurso⁵ nos interessam aqui justamente por serem capazes de revelar o espessamento dos sentidos sob a aparente homogeneidade univocizante da linguagem. Entretanto, antes de passarmos à análise do tema, cabe-nos fazer, de partida, alguns apontamentos no tocante a questões subjacentes à abordagem do sentido para, em seguida, anunciarmos nosso objetivo neste trabalho.

Para adquirir o estatuto de ciência, a Linguística moderna teve de operar, a partir da publicação póstuma do *Curso de linguística geral* (CLG) de Saussure em 1916, uma série de exclusões, colocando na exterioridade de seu objeto de investigação – a *língua* – questões como a subjetividade⁶, a enunciação, o sentido, a referência (Cf. TEIXEIRA, 2000), o que caracterizou o chamado *immanentismo linguístico*, ou seja, o estudo da língua se encerrava nela mesma. Saussure instaurou, no seu paradigma de análise da língua, uma série de dicotomias – a exemplo: sincronia e diacronia, sintagma e paradigma, significado e significante, *langue* e *parole*. Pensamos poder afirmar sem erro que essa última trouxe grandes consequências ao trato da linguagem sob a perspectiva saussuriana, pois para Saussure a *parole* (ou a fala) estaria no plano das realizações individuais, enquanto que a *langue* (língua) estaria em um plano mais social, e dela a Linguística deveria se ocupar, afirmou Saussure.

Mesmo sendo concebida na visão de Saussure como fenômeno social, a língua foi analisada na perspectiva saussuriana como entidade formal e abstrata, mas em linhas gerais o empreendimento de Saussure, ao analisar a língua como “sistema” no interior do qual cada elemento adquire seu valor a partir de

5. A temática dos gêneros de discurso ou gêneros de texto (embora haja algumas nuances teóricas nestas duas terminologias, destacamos que aqui usaremos ambas sem grandes distinções) conta com vasta exploração na literatura especializada. A definição aceita para o presente trabalho segue a perspectiva defendida por Bakhtin (1992, p. 282) segundo a qual: “Falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem *formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do todo*. Dispomos de um rico repertório de gêneros de discurso orais (e escritos)”. (destaques do autor).

6. Gostaríamos de ressaltar nossa posição quanto à questão do sujeito em Saussure, pois pensamos que, apesar de não estar no escopo da teoria saussuriana, havia um sujeito implicado nas proposições de análises linguísticas feitas por Saussure no CLG. Sem nos atermos muito ao assunto, queremos apenas deixar aqui um questionamento: na visão de língua como sistema de signos proposta por Saussure, quem faz a ligação entre a cadeia falada (sintagma) e a cadeia associativa? Talvez haja aí um sujeito ao menos suposto.

relações opositivas com outros elementos, garantiu à Linguística, no sentido epistemológico, não só o estatuto de ciência com método e objeto bem definidos, mas o lugar de ciência-piloto no quadro das ciências humanas, capaz de fornecer-lhes um modelo de abordagem de seus respectivos objetos de investigação.

Em 1957, Chomsky publicou o livro *Syntactic Structures* que trazia à Linguística uma outra configuração no que se refere ao modo mesmo de concepção da linguagem e ao trato de suas manifestações. Tanto nesta obra como em publicações posteriores, Chomsky defendeu a tese de que a linguagem seria um fenômeno essencialmente mental:

A teoria da linguagem é, simplesmente, aquela parte da psicologia humana que se ocupa de um “órgão mental” particular: a linguagem humana. Estimulada por experiência apropriada e contínua, a faculdade da linguagem cria uma gramática que gera sentenças com propriedades formais e semânticas. Assim sendo, diremos que o indivíduo conhece a língua gerada por tal gramática. Empregando outras faculdades do espírito e as estruturas por elas produzidas, o mesmo indivíduo pode, agora, utilizar a linguagem que conhece. (CHOMSKY, 1977, p. 43 – grifo do autor).

Mas, como destaca Marcuschi (2005), Chomsky analisou a linguagem como uma entidade neurobiológica detentora de propriedades formais instalada no cérebro. Chomsky operou a distinção entre *competência* e *desempenho*. A primeira possuiria um caráter mais universal (e não social, como o era a *langue* para Saussure) e seria próprio da espécie humana, por determinações genéticas; enquanto a segunda estaria em um plano mais individual e seria uma manifestação externa da realização da faculdade da *competência*. Para Chomsky, a Linguística deveria se ocupar do estudo desta última. Mas, de forma semelhante a Saussure (porém com consequências distintas), o cognitivismo chomskiano também tomou a linguagem sob uma ótica formal, e, como assinala Marcuschi (2005, p. 12), “eram dois formalismos diferentes: um estruturalista e o outro mentalista. (...)”.

Na segunda metade do século XX, os estudos linguísticos presenciaram o surgimento das chamadas “tendências hifenizadas” de caráter essencialmente interdisciplinar, como aponta Marcuschi (2008), como Análise de discurso, Análise de Conversação, Linguística de Texto, Sociolinguística, Psicolinguística etc.. Sob influência da Pragmática⁷, tais perspectivas voltaram-se, em maior ou em menor

7. No tocante à Pragmática, cabe uma observação: Charaudeau e Maingueneau (2004) apresentam para o termo “pragmática” duas acepções: na primeira, a pragmática remeteria a uma vertente da Linguística representada pelos trabalhos de Austin (1962), Searle (1969) e Grice (1975); sob outra definição, o termo “pragmática” pode remeter a um nível de funcionamento da língua, justaposto aos níveis fonético-fonológico, morfológico, sintático etc.. Alinhamo-nos a esta concepção que pressupõe o caso de uma homonímia para o termo “pragmática”.

grau, para o tratamento da linguagem em situações efetivas de uso, investigando os fatores que regem as escolhas linguísticas dos falantes na interação social e os elementos implicados nestas escolhas⁸. Entraram em cena, então, na esfera de investigação da linguagem, o sujeito, o interlocutor, a enunciação etc., antes relegados a um segundo plano nas abordagens formais. Observou-se, no percurso dos estudos linguísticos, que o tratamento formal se mostrou insuficiente para dar conta de aspectos sociointeracionais envolvidos no uso da linguagem, e o objeto de investigação da Linguística teve de passar, mais uma vez, por redefinições ou mesmo ampliações em seu escopo, tendendo a colocar em relevo questões de caráter social, histórico, ideológico, interacional e/ou cognitivo.

Nesse sentido, cabe ressaltar a posição assumida por Authier-Revuz para o tratamento do fenômeno linguístico: ela reconhece no objeto língua uma ordem própria que, embora afetada por elementos que lhe são exteriores, não pode aí se perder (Cf. FLORES E TEIXEIRA, 2005, p. 73). Em suas formulações teóricas e analíticas, Authier-Revuz recorre às considerações de Saussure e Benveniste a respeito da língua. Retomando a visão saussuriana de língua como sistema, Benveniste ampliou a perspectiva formalista sem, no entanto, dela se desfazer: para Benveniste (1988 e 1989) a língua seria sim um sistema formal, mas que serve à enunciação. Nesse último ponto, Benveniste efetua um deslocamento incomensurável em relação à perspectiva saussuriana, pois o elemento *enunciação* traz à cena questões como a subjetividade, o contexto, o outro etc. para as pesquisas linguísticas, o que significa dizer que a concepção de Benveniste a respeito da linguagem transcende as abordagens imanentistas e redimensiona o horizonte teórico do linguista e da Linguística diante dessas questões.

Outra observação importante para nossas considerações diz respeito ao sujeito. Com base em Authier-Revuz (1998, p. 16), as acepções sobre o sujeito podem ser resumidas em duas: a primeira é a do *sujeito-origem*, presente nas abordagens pragmático-comunicacionais, que pressupõe um sujeito da razão, dono de seu dizer e também fonte e origem de sentido; a segunda acepção, presente em algumas abordagens enunciativas e discursivas, se funda na premissa de que existe na verdade o *sujeito-efeito*, ou seja, o sujeito é um efeito da linguagem. Sem sombra de dúvidas, qualquer uma dessas acepções com que se decida trabalhar será decisiva para definição do modo como é tomada a linguagem nas correntes linguísticas. Neste artigo, iremos recorrer à concepção de um *sujeito-efeito* da linguagem.

Feitas estas observações, voltamo-nos para uma situação particular de manifestação do sentido na linguagem: as adivinhações. Neste gênero de texto, as várias possibilidades de sentido na linguagem, latentes sob uma aparente univocidade, manifestam-se no próprio uso, provocando reflexões para além da linearidade dos sentidos. Em outras palavras, as adivinhações propiciam, a um só tempo, uso e reflexão sobre os sentidos na linguagem.

8. Para uma leitura mais detalhada acerca do percurso histórico dos estudos linguísticos, ver Weedwood (2002).

Como dissemos, nosso interesse aqui é trazer à baila o tema exposto levando em consideração o funcionamento dos sentidos nas adivinhas. Para isso, iremos abordar dois aspectos distintos responsáveis pela singularidade deste gênero: de um lado, suas características linguístico-enunciativas e, sob outro ângulo, questões textual-discursivas implicadas no modo particular com que os sentidos se apresentam nas adivinhações. O intuito é lançar luz sobre a questão dos sentidos na língua, tomando como parâmetro as adivinhações, para então pensar em elementos capazes de subsidiar uma abordagem interacional⁹ do sentido no discurso.

Compete-nos ainda fazer a alguns esclarecimentos a respeito dos procedimentos metodológicos adotados para coleta de dados. O *corpus* de que dispomos é constituído essencialmente por dados escritos, resultantes de um teste (contendo 15 adivinhações¹⁰) aplicado em duas turmas de quinze alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, sendo uma da rede pública e a outra da rede privada¹¹ de ensino no município de João Pessoa. A esse respeito, convém lembrar uma observação feita por Silva (2009, p. 191):

(...) numa situação de coleta de dados, por mais que se busque a neutralidade, o fato de a fala ser objeto de estudo envolve o que Labov (1971) chama de “o paradoxo do observador”. Nesse caso, um desconhecido – o pesquisador – ao procurar amostras de linguagem por meio de entrevistas controladas, pode afetar a desenvoltura da criança ao falar, por perceber esse contexto como diferente daquele natural em que interage.

Com isso, reconhecemos que a situação em que as adivinhações foram apresentadas não era espontânea e seu caráter essencialmente oral foi alterado para fins de pesquisa, mas como bem destacou Labov esse é o “paradoxo do observador”. Algumas amostras serão analisadas nas seções 3 e 4

Nossa pesquisa será segmentada do seguinte modo: na segunda seção, contextualizaremos algumas problemáticas teóricas e epistemológicas em torno do estudo dos sentidos na linguagem, tentando destacar as especificidades de nossa abordagem e as premissas de que partiremos para proceder à análise dos sentidos nas adivinhações. A seção 3 é destinada à descrição das características

9. O conceito de “interação” é tomado aqui, sob um senso lato, como um conjunto de trocas interpessoais por meio das quais os sujeitos constituem e negociam mutuamente as diversas formas e possibilidades de sentido. Desse modo, podemos pensar a enunciação como uma das possibilidades de efetuar a interação.

10. O modelo de teste utilizado segue em anexo no final deste artigo.

11. Em nossas análises, não elegemos como variável independente o fato de uma turma ser de escola pública e outra ser de escola privada e apresentamos essa informação apenas a título de esclarecimento da forma com que os dados foram coletados.

textual-discursivas das adivinhações, tomando por base as considerações de Adam (2010 e 2011) que destacam os níveis de análise do sentido no discurso. Na seção 4, analisaremos o funcionamento dos sentidos nas adivinhações à luz da perspectiva enunciativa de Authier-Revuz, sob o intuito de explicitar a densidade dos sentidos manifesta nas adivinhações como um traço próprio à linguagem. Por fim, apresentaremos alguns elementos para abordagem interacional do sentido no discurso.

2. O sentido: unidade e/ou dispersão

O estudo dos sentidos esteve durante muito tempo à margem da cientificidade justamente por escapar, do ponto de vista epistemológico, aos princípios postulados pelo modelo positivista, cujas bases estavam assentadas em certezas metódicas e na antinomia entre o sujeito cognoscente e o objeto cognoscível. Esse último aspecto em especial trazia dificuldades para o investigador que, envolvido em seu suposto objeto de análise, não dispunha de condições para se desvencilhar dos sentidos ou mesmo para negar a abertura do sentido ao exterior. Outro ponto importante a ser destacado é a generalidade com que as diferentes abordagens tratavam os sentidos, presentes em diversos planos das ações humanas (como na dança, na pintura, em esculturas, em gestos, movimentos etc.), das ações não humanas (o comportamento animal, por exemplo) e em fenômenos da natureza (como mudanças climáticas e/ou atmosféricas entendidas como sinais de chuva ou de sua escassez). A forma trivial e generalizada com que o sentido podia se manifestar tornava sua segmentação inviável e, por consequência, sua descrição não encontrava parâmetros no modelo positivista de fazer ciência. Dessa maneira, o estudo dos sentidos ficou à mercê de observações curiosas no campo filosófico e literário sem qualquer pretensão científica.

Sob o escopo de atender às exigências da objetividade positivista e ao mesmo tempo buscando dar legitimidade a uma abordagem precisa dos sentidos linguísticos, Bréal (1883) operou um deslocamento sutil, porém decisivo, no que diz respeito à proposição de um modelo de descrição e análise das leis de mudança/evolução dos sentidos das palavras no decorrer do tempo, garantindo com isso o reconhecimento entre a comunidade acadêmica de uma nova área de investigações, a qual ele mesmo denominou *semântica*. Neste caso, o gesto de Bréal (1883) representou um corte e uma delimitação: como destaca Tamba-Mecz (2006), a palavra “evolução” evocava diretamente os conceitos elaborados e desenvolvidos por Spencer e Darwin no campo da Biologia por volta dos anos 1857-1859 e, dessa forma, Bréal se voltava para aplicabilidade de um conceito fecundo (que, então, gozava de grande prestígio perante as diversas disciplinas) à descrição dos fatos semânticos observáveis na língua. Por outro lado, a semântica se encarregaria, nessa acepção, de uma análise diacrônica da evolução dos sentidos das palavras, buscando determinar as leis gerais que regem as mudanças nos sentidos de algumas palavras; isso implica dizer que a unidade de análise do sentido também estava definida em torno dos limites da palavra.

No livro “Ensaio de Semântica”, Bréal (1897) trata das leis intelectuais da linguagem e dos mecanismos de construção dos sentidos das palavras, detalhando processos de restrição e de espessamento do sentido vocabular, e passa em seguida a discutir a relação entre semântica e sintaxe.

A partir da publicação do “Curso de linguística geral” (CLG) de Ferdinand de Saussure em 1916 e da consequente consolidação científica da Linguística, o tratamento dado pela Semântica à análise do modo de funcionamento do sentido na língua sofreu redefinições significativas, decorrentes, sobretudo, dos deslocamentos representados pela concepção saussuriana de língua e por suas considerações sobre o signo linguístico. Nesse sentido, sob a suposta inspiração em questões teóricas levantadas por Saussure no CLG, instituiu-se uma nova área voltada para o estudo dos significados linguísticos no plano lexical: a Semântica Estrutural. Dizemos “suposta” porque desconfiamos da leitura (a nosso ver, reducionista) do CLG empreendida por muitos teóricos estruturalistas da Semântica Estrutural. Mostraremos mais adiante por quê.

Valendo-se de um recurso bastante recorrente na descrição dos traços distintivos dos fonemas¹², semanticistas de orientação estrutural desenvolveram um método para analisar os componentes semânticos presentes nos lexemas que ficou conhecido como análise componencial ou sêmica, com a finalidade de identificar os diferentes campos lexicais/semânticos que compõem a língua e de entender de que modo tais campos funcionam e como se relacionam. Pesquisadores como Trier (*apud* ULLMANN, 1957) e Lehrer (1974), por exemplo, debruçaram-se sobre essas questões, partindo da premissa de que o léxico de uma língua encontra suas determinações semânticas em uma rede de relações opositivas estabelecidas entre as palavras. Sobre essa questão Ullmann (1973, p. 510) afirma:

Trier elaborou a sua concepção dos campos como setores estreitamente entrelaçados do vocabulário, no qual uma esfera particular está dividida, classificada e organizada de tal modo que cada elemento contribui para delimitar os seus vizinhos e é por eles delimitado.

Nas descrições componenciais dos sentidos lexicais, destacamos dois problemas: um de natureza teórica e outro de caráter procedimental. Do ponto de vista das bases em que estavam assentadas as formulações teóricas da Semântica Estrutural, observa-se uma equiparação entre o conceito saussuriano de língua como *sistema* e a noção de *estrutura*. É justamente esse o ponto onde reside um proble-

12. Inspirada no modelo de descrição fonológica, a análise componencial do sentido do léxico da língua foi empregada pela primeira vez por Hjelmlev na obra “Prolegômenos a uma teoria da linguagem” (1943). Neste texto, Hjelmlev reconhece na língua a existência de dois níveis isomorfos e interrelacionais: a forma da expressão e a forma do conteúdo.

ma decorrente da interpretação feita em boa parte das abordagens estruturais do sentido no léxico: a noção de língua como sistema de signos, tal como Saussure definiu no CLG, não se limita ao conceito de estrutura, visto que este conceito supõe regularidades, enquanto a noção de sistema implica relações integradas para execução de determinada finalidade. Sobre este último aspecto, notemos o que Saussure afirma sobre a língua no CLG: “A língua é um sistema de signos *que exprimem idéias*” (SAUSSURE, 2006, p. 24 – o destaque é nosso).

Por outro lado, nos estudos sobre os campos lexicais, o signo linguístico saussuriano foi reduzido à palavra e isso representa graves implicações à coerência teórica das formulações encontradas no CLG, o que gera problemas procedimentais para análise componencial dos sentidos na língua. O signo saussuriano não se limita à palavra, visto que, para Saussure, o signo diz respeito a entidades que podem estar associadas a elementos mórficos ou a estruturas sentenciais. Na verdade, um exame mais atento pode revelar que o signo linguístico saussuriano só encontra sua razão de ser nas relações estabelecidas com os outros signos no sistema da língua, e a significação linguística deve ser tomada, neste caso, dentro de uma rede relacional composta por elementos discretos.¹³

Em outros termos, a descrição componencial do sentido de uma palavra isolada mostrou-se insuficiente justamente por desconsiderar o fato de que os sentidos extrapolam os limites da palavra, abrindo espaço, com isso, para o reconhecimento de que a unidade de análise do funcionamento dos sentidos na língua deveria ser ampliada, importando, desde então, considerar os sentidos no âmbito das sentenças, e a própria noção de língua deveria ser revista. Logo, em meados das décadas de 1960 e 1990, os estudos semânticos passaram por subdivisões resultantes de diferentes concepções de língua/ linguagem e amparadas em diferentes modelos de descrição dos sentidos, destacando-se, com isso, a Semântica Formal, a Semântica Cognitiva e a Semântica Enunciativa.

Partindo do princípio de que as línguas se estruturam logicamente, a Semântica Formal inspirou-se, em seu momento inicial, nas formulações de Frege (1978), para estabelecer condições de verdade para descrição dos sentidos presentes em sentenças extensionais (referenciais) e intencionais (proposicionais). Neste caso, pouco importa o processo de construção dos sentidos, mas o sentido em si. Aliando-se à teoria gerativista de Chomsky, para quem os sentidos decorrem de estruturas sintáticas¹⁴, semanticistas de base formal (CHIERCHIA e McCONNELL-GINET, 2000, por exemplo) voltaram-se para relação entre o funcionamento semântico das sentenças e o cálculo sintático. A bem da verdade,

13. Para uma discussão mais detalhada sobre esse tema, remetemos o leitor aos textos de Normand (2009a e 2009b) e Mauro (1995).

14. Desde o momento inicial de sua tese sobre o inatismo da linguagem humana até seus modelos mais recentes de descrição linguística, Chomsky tem defendido a supremacia da sintaxe em relação aos demais níveis de funcionamento da língua.

estes dois níveis estão interrelacionados e os processos de estruturação sintática podem fornecer condições para elucidação da organização de parte dos sentidos nas sentenças.

Divergindo do modelo gerativista de Chomsky, que defendia a autonomia da sintaxe nas descrições e análises linguísticas, e ao mesmo tempo avançando em relação à visão modularista da linguagem, formulada por Fodor (1975), que supunha a existência de um nível abstrato de funcionamento do sentido no cérebro, pesquisadores como Lakoff e Johnson (1980) se voltaram para aspectos cognitivos envolvidos na construção social dos sentidos.

Por outro lado, a abordagem semântica foi afetada por formulações teóricas da Pragmática dos atos de fala (AUSTIN, 1962; SEARLE, 1969) e das máximas conversacionais de Grice (1975), que destacavam, em suas bases, a relevância do contexto de uso da língua para compreensão dos sentidos. Mas a inclusão do contexto no horizonte das reflexões em torno da língua trouxe diversos desdobramentos epistemológicos e teóricos para o campo da Linguística, e a questão sobre o sentido estar ou não na língua dividiu (e ainda divide) as opiniões sobre o assunto. Algumas posições (SEARLE, 1978, por exemplo) afirmavam a existência do sentido literal, básico, distinto do sentido não-literal condicionado a elementos contextuais; outros pesquisadores (ARIEL, 2002) relativizaram a distinção, mostrando aspectos pragmáticos envolvidos na mobilização do sentido literal. A questão certamente exige aprofundamentos e certo cuidado. Em nosso caso, partimos do princípio de que os sentidos (o plural é significativo) estão na língua, mas são atualizados por sujeitos que tornam próprio o seu uso. Para nós, não há sentidos literais, unívocos, mas a língua, polissêmica por natureza, é quem autoriza as negociações de significado efetuadas pelos sujeitos, e a dispersão constitutiva dos sentidos pode ser atenuada (mas não encerrada) nas diversas formas de enunciação.

Como se vê, entrecruzam-se diferentes modos de ver e de conceber os sentidos na linguagem, e uma gama de outras questões entram em cena nas abordagens do fenômeno semântico, mas, qualquer que seja o nível considerado (prosódico-entonacional, fonético-fonológico, morfológico, sintático, pragmático), o sentido atravessa a língua, transborda-a, e atinge diretamente as diversas formas de interação entre o sujeito, a linguagem e o outro. Esse espessamento dos sentidos nas camadas significativas da língua pode ser observado, por exemplo, nas adivinhações. Nelas, a unidade do sentido encontra sua determinação na dispersão semântica e diversos fatores concorrem para isso, como pretendemos mostrar. A seguir, passaremos ao exame da questão tomando como parâmetro o funcionamento dos sentidos no texto-discurso.

3. Do ponto de vista textual-discursivo: as macro-operações nas adivinhas

Em nosso trabalho, as adivinhas são tomadas como um gênero textual constituído essencialmente pelo par pergunta/resposta (Cf. DIONÍSIO, 2005). No plano composicional, as adivinhações podem apresentar variadas formas de organização, desde estruturas interrogativas convencionais até exposições descritivas de temas que tendem a driblar a atenção do interlocutor. Vejamos um esquema proposto por Dionísio (2005, p. 37) para repertoriar algumas estruturas recorrentes na proposição das adivinhas:

Estrutura Canônica	
Forma enunciativa	Exemplo
O que é, o que é?	(01) <i>O que é, o que é?</i> <i>Eu vou pro seu e você não vai pro meu?</i> (Enterro)
Estrutura Canônica Subjacente	
Forma enunciativa (implícita, não dita)	Exemplo
	(02) <i>Tem pé não anda,</i> <i>Tem olhos não vê,</i> <i>É danado pra morder.</i> (Urtiga)
Variações Estruturais da Forma Canônica	
Formas enunciativas	Exemplos
Qual X ... ?	(03) <i>Qual é o verbo que lido às avessas é o mesmo?</i> (Reviver)
O que é que X ... ?	(04) <i>O que é que se tira antes de dar?</i> (Fotografia)
O que X ... ?	(05) <i>O que a formiga tem maior do que o boi?</i> (O nome)
Quem X ... ?	(06) <i>Quem é que vive na cadeia por causa do erro dos outros?</i> (O carcereiro)
Quantos, Quantas X ... ?	(07) <i>Quantos bichos mata o caçador que acerta cinco coelhos, dois jacarés, um gato e oito quatis?</i> (22: lembre-se de que o gato tem 7 vidas)
Como X ... ?	(08) <i>Como você faria para ler água dura com quatro letras?</i> (Gelo)
Que é que X ... ?	(09) <i>Que é que ninguém quer ter, mas tendo não quer perder?</i> (Questão)
De que X ... ?	(10) <i>De que número você pode tirar a metade e ele passa a não valer nada?</i> (Do número 8)
O que é, que é X ... ?	(11) <i>O que é que é inteiro e tem nome de pedaço?</i> (A meia)

Quadro 1: Formas Enunciativas das Adivinhações

Assim, a estrutura canônica da primeira parte das adivinhações pode apresentar algumas variações, mas, de modo geral, as possibilidades de sentido costumam se amalgamar nesta parte, explorando diferentes recursos linguístico-discursivos. Nela, o enunciador deve fornecer o mínimo de pistas suficientes para que a resposta seja encontrada e o máximo espessamento semântico capaz de escamotear o sentido e desviar a atenção do desafiado, como podemos perceber nos exemplos acima. Porém, a ambivalência semântica também pode se apresentar na resposta esperada, como pode ser percebido na adivinha (01).¹⁵ “O que é que o nadador faz para bater o recorde? – resposta: nada”. Neste caso, o sintagma “nada” remete ao mesmo tempo ao verbo nadar e ao pronome indefinido, colocando em jogo as duas possibilidades de sentido.

É interessante observar que, no teste que aplicamos com alunos do nono ano, a adivinhação 04 trazia uma questão semelhante: “O que o tomate foi fazer no banco”. A resposta esperada era “Tirar um extrato”. Empregando um recurso semelhante ao utilizado na adivinhação anterior, a ambivalência semântica era esperada na resposta, uma vez que “extrato” tanto pode remeter a uma solução concentrada de dado produto (no caso, extrato de tomate) quanto a um resumo, a exemplo da expressão “extrato bancário”. Eis a resposta dada por um aluno para esta adivinha: “Foi fazer um banquete”. Ora, esta resposta não coincidia com a resposta esperada pela adivinha, mas correspondia à mesma estratégia de ambivalência semântica, pois o termo “banquete” pode remeter a variedades alimentícias postas à mesa (e aí estaria inserido o tomate) ou, por semelhança estrutural, faz lembrar a palavra “banco”.

Segundo Adam (1993), as adivinhas são compostas, essencialmente, por sequências descritivas de texto. Em sua estrutura, as adivinhas devem conter elementos de natureza descritiva e, para Adam (2011), as sequências descritivas dos textos devem conter um tema-título, envolvendo quatro macro-operações: 1. procedimento de tematização (que introduz e situa o tema-título objeto da descrição); 2. procedimento de aspectualização (o qual destaca partes componentes do tema); 3. procedimento de relação (neste procedimento, estabelecem-se alguns tipos de relações entre as propriedades próprias a determinado objeto compartilhadas por outros objetos); 4. procedimento de expansão por sub-tematização (responsável pelo encadeamento temático e expansão do conteúdo temático). Como bem destaca Dionísio (2005), este último procedimento parece não ser passível de observação se tomarmos como referência a descrição nas adivinhações, pois neste caso uma descrição suscita outra descrição e uma infinidade de relações podem ser estabelecidas. Neste caso, iremos nos ater à ob-

15. Para fins didáticos, numeramos as adivinhas expostas neste trabalho. As adivinhas aqui apresentadas foram retiradas de Weitzel (1996), Marini-Iwamoto (2006) e outras foram extraídas de sites de humor como <http://www.suapesquisa.com/folclorebrasileiro/adivinhas.htm>, www.qdivertido.com.br/charadas.php. Acessados em 14/08/2011.

servação dos três primeiros procedimentos apontados por Adam (2011) para análise das sequências descritivas nas adivinhações.

A macro-operação de tematização constitui, na visão de Adam (2011), a principal operação da sequência descritiva, pois é ela que confere unidade ao segmento textual. Essa operação pode ocorrer de três maneiras diferentes:

- Pré-tematização (ou ancoragem): essa operação ancora o objeto nos domínios do discurso sob uma denominação, abrindo espaço para um período descritivo. É interessante perceber que, nas adivinhações, este procedimento será negligenciado, pois o objeto de discurso só será revelado na resposta.
- Pós-tematização (ou ancoragem deferida): nesta operação, a denominação do todo é dada tardiamente, causando a impressão de que a descrição está obscura ao mesmo tempo em que cria expectativa para formação da unidade de sentido.
- Retematização (ou reformulação): atribuição de uma outra denominação ao objeto do discurso, reenquadrando-o à medida que modifica seu escopo.

Estes dois últimos procedimentos são mais recorrentes na organização composicional das adivinhas. Nelas, a pós-tematização do objeto de discurso visa à criação de obscuridade e consequente tensão para unidade de sentido. É o que fica evidente em uma adivinhação como: (02) “O que é que tem pé de porco, orelha de porco, rabo de porco, mas não é um porco?” (resposta: uma feijoada completa). Nesta adivinha, diversas características do objeto em questão são mencionadas em comparação com as características de outro objeto. As semelhanças, contudo, brincam com a relação corpo *vs.* membros e todo (continente) *vs.* partes integrantes (conteúdo) sob o intuito escamotear o sentido e de burlar a atenção do interlocutor. Logo, uma expectativa é criada, e a pós-tematização do objeto descrito leva ao procedimento de retematização, quando, então, outra possibilidade de sentido ganha destaque.

A segunda macro-operação das sequências descritivas, observada por Adam (2011), diz respeito à aspectualização. Este procedimento agrupa as operações de fragmentação e qualificação. A primeira opera a fragmentação do objeto de discurso selecionando as partes do objeto da descrição. A segunda evidencia os atributos do objeto descrito como um todo ou das partes selecionadas na fragmentação. Apresentamos os exemplos dados por Adam (2011, pp. 220-221):

- Fragmentação: as partes do objeto da descrição estão marcadas em negrito:

(01) **Quadro** verdejante

rochedo nítido e maciço

o Passo do Urso

em tudo para agradar.

(02) **Silhueta** esbelta, **rosto** fino, **olhos** grandes e linda **boca**,

Sabine Azema tem uma graça infinita.

- Qualificação: pode incidir sobre o todo, como em (01) ou sobre as partes (02) e (03). As qualificações estão em negrito.

(03) **ZURIQUE**

Cosmopolita

E, no entanto,

tipicamente suíça.

(04) Quadro **verdejante**

rochedo **nítido e maciço**

o Passo do Urso

tem tudo para agradar.

(05) Silhueta **esbelta**, rosto **fino**, olhos **grandes** e **linda** boca,

Sabine Azema tem uma graça **infinita**.

O procedimento de aspectualização constitui um recurso útil à descrição nas adivinhas, pois uma vez fragmentado em partes o todo do objeto de discurso é posto em segundo plano, ficando obscurecido, e vice-versa. Em uma adivinha como: 06 “O que é que é **surdo e mudo, tem orelhas, não tem boca, mas conta tudo?** (resposta: o livro)”, a aspectualização fragmenta o objeto em partes (destacadas com negrito) destacando-se os atributos do todo. Logo, características não emblemáticas do objeto livro adquirem contornos importantes para sua redefinição.

O recurso de fragmentação do objeto da descrição também pode ser observado na adivinhação a seguir: 07 “O que é, o que é, tem **quatro pernas, quatro bocas, duas asas** e veste uma **armadura**

de ferro?” Resposta: o fogão. Nesta adivinha, emprega-se a catacrese para que sejam destacadas as partes que compõem o objeto “fogão”, como “quatro pernas, quatro bocas, duas asas”, e, em seguida, faz-se uma comparação entre um revestimento típico de fogões e uma armadura de ferro. Tal procedimento acaba por obscurecer o objeto da descrição à medida que evoca, a um só tempo, traços animais justapostos a um suposto equipamento para uso em forma de vestimenta. Neste caso, a fragmentação do objeto fogão faz apontar para uma entidade que não encontra correspondente no mundo biossocial, confundindo a percepção do interlocutor ao mesmo tempo em que o leva a pensar em outras possibilidades de relação entre os fragmentos da adivinha.

O procedimento de fragmentação, de modo geral, pode ser pela qualificação das partes destacadas. De maneira mais recorrente, a qualificação é realizada por meio de um grupo nominal combinado a um adjetivo ou por sintagmas de caráter predicativo. Vejamos as adivinhações a seguir: 08. “O que é, o que é, uma caixinha **de bom parecer**, não há carpinteiro que saiba fazer?” (resposta: amendoim) e 09. “O que é o que é uma pedrinha **quadrada**, quer chova, quer faça sol, toda a vida é **molhada?**” (resposta: dente). Na adivinha 08, o sintagma adjetival “**de bom parecer**” assume a função predicativa típica ao recurso de qualificação, caracterizando o objeto de discurso. Essa mesma função é assumida na adivinha 09 pelos termos “**quadrada**” e “molhada”. Nas duas adivinhas, a qualificação também se sustenta no morfema “-inha” presente nas palavras “caixinha” e “pedrinha” dando ao interlocutor pistas de que o objeto em questão é de porte pequeno.

A operação de aspectualização correlaciona-se ao procedimento de estabelecimento de relação. Em outros termos, os processos de fragmentação e de qualificação do objeto envolvidos na aspectualização demandam estabelecimento de relação entre o objeto-tema do discurso e outros objetos a ele correlacionados. No caso das adivinhas 08 e 09, o recurso de qualificação através dos termos “caixinha” e “pedrinha” expõe o limite tênue entre as macro-operações de aspectualização e de relação.

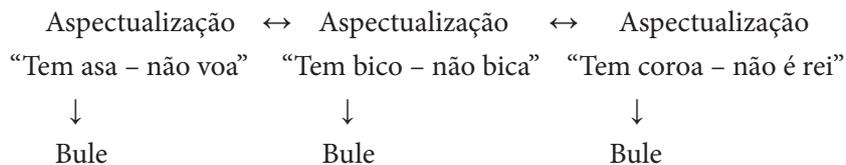
De acordo com Adam (2011), a operação textual de relação pode ocorrer por contiguidade e/ou por analogia. A contiguidade, por sua vez, é sustentada por elementos temporais (decorrente do tempo histórico ou individual de dado objeto) ou espaciais presentes implícita ou explicitamente na relação que o objeto de discurso estabelece com outros objetos. Segundo o autor, a contiguidade espacial pode adquirir contornos tão marcantes que elementos integrantes de um objeto, por si sós, são capazes de remeter ao todo, a exemplo do chapéu e da bengala de Carlitos ou da mecha e do bigode de Hitler¹⁶. Nestes exemplos, é possível perceber que a operação de contiguidade é responsável por deslocamentos sucessivos decorrentes das relações que os objetos de discurso mantêm entre si em pares como parte/todo, efeito/causa, continente/conteúdo, possuidor/coisa possuída etc..

16. Os exemplos são dados por Adam (2011, p. 222).

Por outro lado, a operação de relação também pode ocorrer por analogia e, neste caso, entram em jogo assimilações comparativas ou metafóricas entre objetos de discurso. Pensemos, por exemplo, nos enunciados “João é inteligente **como Einstein**” ou “Ela é velha **como a estrada de Condado**”.

Na trama das adivinhas, a macro operação de relação constitui um importante recurso enunciativo para construção de sentido do texto na mesma proporção em que pode deslocar as propriedades do objeto para suas partes ou transferir as propriedades das partes para o todo, desviando, em todo caso, a atenção do interlocutor. Basta considerar a abertura para o estabelecimento de diversas possibilidades de relação em uma adivinhação como “O que é, o que é: tem asa, mas não voa, tem bico, mas não bica, tem coroa, mas não é rei?” (resposta: bule). Neste caso, propriedades do objeto-tema são apresentadas ao mesmo tempo em que são negadas as relações possíveis com objetos que compartilham tais propriedades. Nesse jogo de negação de relações e afirmação dos traços integrantes do objeto em questão, objeto-tema (neste caso, o bule) é ancorado. Vejamos o esquema:

Procedimento de estabelecimento de relações



Mas é também nesse jogo de estabelecimento de relações que outros objetos podem perfeitamente ser dados como possíveis para determinadas adivinhações. No teste que aplicamos, a questão 05 trazia a seguinte adivinhação: “O que é que se põe na mesa, parte, reparte, mas não se come?”. O objeto esperado como resposta era “baralho”, mas em uma amostra de 30 alunos apenas 07 apresentaram “baralho” como resposta, 06 alunos escreveram “talher”, 12 afirmaram ser a “faca” o objeto da adivinha em questão 02 responderam “prato” e 01 respondeu “guardanapo” e 02 ofereceram “toalha de mesa” como resposta. Ora, se considerarmos as relações possíveis entre o objeto em questão e as pistas fornecidas pela adivinhação (“se põe na mesa”, “parte”, “reparte”, “não se come”), perceberemos que “talher” e “faca” podem ser aceitos como resposta. Por outro lado, os objetos “prato”, “guardanapo” e “toalha de mesa” não correspondem satisfatoriamente aos aspectos oferecidos para o objeto da adivinha em questão.

Do mesmo modo, a adivinha 01 do teste que aplicamos trazia a seguinte questão: “O que é, o que é: tem chapéu, mas não tem cabeça; tem boca, mas não fala; tem asa, mas não voa?” (resposta esperada: bule). Dos 30 alunos que responderam ao teste, 09 apresentaram a resposta esperada pela

adivinha ou variantes como “chaleira”, 02 escreveram “panela de pressão” em suas respostas, 04 responderam “bullying” (ou variantes), 01 respondeu “manequim” e 14 deixaram a resposta em branco. É interessante notar que, no caso da resposta “bullying”, o objeto em questão parece à primeira vista como sendo absurdo ou mesmo injustificável, mas basta considerarmos a semelhança sonora que esta palavra mantém com relação à palavra “bule” e sua recorrência nos debates atuais promovidos nas escolas, para deduzirmos as razões pelas quais 04 alunos apresentaram a mesma resposta.

Sem dúvida alguma, as adivinhações dão testemunho da opacidade dos sentidos na língua e do componente metalinguístico que integra a ação verbal dos sujeitos: para usar a linguagem, é preciso também pensar sobre ela, tomá-la como objeto. A seguir, passaremos ao exame da questão sob um prisma linguístico-enunciativo para tentar perceber de que maneira o caráter significante da língua se reveste de uma opacificação constitutiva manifesta na enunciação.

4. Do ponto de vista linguístico-enunciativo: o sentido furtivo nas adivinhações

Authier-Revuz (1982) se deteve ao exame minucioso da heterogeneidade enunciativa tomando como ponto de partida a reflexividade metaenunciativa presente nas modalizações autonômicas da linguagem. Para proceder à análise da heterogeneidade própria à linguagem, Authier-Revuz (1982) buscou explicitar a heterogeneidade constitutiva do sujeito e do discurso, recorrendo a dois exteriores teóricos distintos: de um lado, Authier-Revuz se vale da ideia de dialogismo próprio à natureza da linguagem presente nas abordagens do círculo de Bakhtin; e, sob outro ângulo, Authier-Revuz recorre à hipótese freudo-laciana de um sujeito clivado pelo Outro.

Em outros termos, tomando por base o dialogismo bakhtiniano, no plano do discurso, a alteridade (interna e externa) apresenta-se como condição para efetivação do diálogo entre sujeitos e também como o elemento que instaura a natureza interdiscursiva e intersubjetiva das interações linguageiras. Destaca-se, deste modo, a relevância da função desempenhada pelo outro para constituição subjetiva, pois é em função dele que o papel do sujeito é definido na dialogia e é a partir dele que o indivíduo constrói as significações de linguagem. A condição de diálogo é, por essa razão, constitutiva da subjetividade e se manifesta de diferentes formas no discurso.

Em outra direção, o recurso de Authier-Revuz à teoria psicanalítica do sujeito ocorre justamente na medida em que este é tomado, na perspectiva freudo-laciana¹⁷, como sendo efeito de uma clivagem entre instâncias psíquicas de diferentes ordens.

17. Em virtude de limitações impostas pela natureza deste artigo, iremos abordar apenas alguns pontos das teorias freudo-lacianas a respeito do sujeito. Cabe ressaltar que o universo teórico e os percursos dos pensamentos destes estudiosos são muito maiores que nossos apontamentos.

Em oposição à afirmação de um sujeito cartesiano, determinado pela razão (Na formulação original do cogito cartesiano “Penso, logo existo”, afirmava-se do sujeito: “Penso, logo sou”, como destaca Garcia-Roza (1996)), Freud tomou a subjetividade como o lugar do ocultamento, apontando para uma outra dimensão constitutiva do sujeito e inacessível a este: o inconsciente.

No rastro das considerações de Freud em torno do sujeito como entidade engendrada, Lacan (1975 e outros) perseguiu os lugares condicionais de um sujeito atravessado pela linguagem na tentativa de explicar a estruturação subjetiva como efeito da confluência correlacional entre as ordens do Real, do Imaginário e do Simbólico. Desse modo, tanto na visão de Freud como na perspectiva lacaniana, a constituição subjetiva é fruto de uma cisão entre instâncias distintas, e essa clivagem do sujeito irá se manifestar de diferentes formas na linguagem, como mostra Authier-Revuz em diversos trabalhos.

Após desenvolver uma análise precisa do dialogismo discursivo proposto pelo círculo bakhtiniano e das teses freudo-lacanianas a respeito do sujeito, Authier-Revuz (1982) afirma que a alteridade no discurso do sujeito se manifesta de duas formas: de um lado a heterogeneidade mostrada (que pode ser marcada ou não-marcada) e de outro a heterogeneidade constitutiva, determinada pela própria natureza heterogênea da linguagem.

Mantendo-se tais balizagens teóricas que inscrevem a alteridade como elemento constitutivo e condicional do discurso, Authier-Revuz desenvolveu uma série de estudos sobre o caráter opaco da linguagem, manifesto na utilização de uma diversidade de expressões metaenunciativas. Interessa-nos aqui o trabalho de 1998¹⁸ que trata das não coincidências do dizer desdobradas em uso e reflexão sobre os sentidos na língua.

Pensamos que esse caráter metaenunciativo da linguagem se manifesta de diferentes formas em diversos textos e uma observação atenta das formas corriqueiras de enunciação pode revelar que sob a aparente homogeneidade univocizante dos sentidos na língua há uma heterogeneidade constitutiva. Basta considerar as condensações semânticas em exemplos de metáforas, poemas e obras literárias, em atos de fala indiretos, em ironias etc.. Longe de rotularmos tais ocorrências como fatos linguísticos isolados ou mesmo como exceções à regra, diríamos que a língua se apresenta sempre para os sujeitos como lugar de instauração de sentidos, e as diferentes formas de explicitação da ambivalência semântica não passam de consequência da heterogeneidade sob a língua ofuscada por uma transparência tão ilusória quanto necessária. Vejamos dois textos que ilustram bem a questão:

18. Tomamos por base o ano da publicação brasileira.

Texto I - VERDADES CRUÉIS (autor desconhecido)

É dando.....que se engravida.
 Quem não arriscaé porque não tem caneta.
 Quem ri por último..... é retardado.
 Sol e chuva,..... vou sair de guarda-chuva.
 Devo, não pago..... nego enquanto puder.
 Quem espera,..... sempre cansa.
 Os últimos..... serão desclassificados.
 Há males..... que vem para pior.
 Quem dá aos pobres,..... paga a conta do motel.
 Depois da tempestade..... vem a gripe.
 Devagar..... nunca se chega.
 Antes tarde..... do que mais tarde.
 Quem cedo madruga..... fica com sono o dia inteiro

Texto II - DICIONÁRIO PORTUGUÊS-PORTUGUÊS (autor desconhecido)

ABREVIATURA - ato de se abrir um carro de polícia.
 ADVERSÁRIO - dia de nascimento do fanho.
 ALOPATIA - dar um telefonema para a irmã da mãe.
 AMADOR - o mesmo que masoquista.
 BARBICHA - boteco para gays.
 CAATINGA - cheeiro ruuim.
 CÁLICE - ordem para ficar calado.
 CAMINHÃO - estrada muito grande.
 CANGURU - líder espiritual de cachorros.
 CATÁLOGO - ato de se apanhar coisas rapidamente.
 COMPULSÃO - qualquer pessoa com pulso grande.
 DESTILADO - aquilo que não está do lado de lá.
 DETERGENTE - ato de prender indivíduos suspeitos.
 DETERMINA - prender uma moça.
 ESFERA - animal feroz amansado
 EXÓTICO - algo que deixou de ser ótico, passou a ser olfativo ou auditivo.
 FORNECEDOR - empresário dedicado ao ramo de encantar os masoquistas.
 GENITÁLIA - órgão reprodutor dos italianos.
 HOMOSSEXUAL - Sabão utilizado para lavar as partes íntimas.

Nos exemplos acima, a pluralidade dos sentidos põe-se à mostra por meio de diferentes recursos. No texto I, parte-se de discursos recorrentes em provérbios da língua para destacar outras possibilidades de sentido e, parodiando os ditos populares, outros fatos do cotidiano são destacados, quebrando as expectativas do leitor e provocando humor. Já no segundo texto, o autor recorreu à fragmentação das palavras para mostrar outras interpretações possíveis para os componentes lexicais. Neste caso, a construção dos sentidos tem por base outros significantes amalgamados na composição do vocábulo.

Tais ocorrências reforçam aquilo que nas adivinhações fica evidente: a pluralidade dos sentidos constitui uma faceta incontornável da linguagem que o sistema da língua insiste em tentar conter. Em outras palavras, se por um lado o próprio da linguagem é significar (Tomemos, por exemplo, a assertiva de Benveniste (1989, p. 222): “Antes de qualquer coisa, a linguagem significa, tal é o seu caráter primordial, sua vocação original que transcende e explica todas as funções que ela assegura no meio humano.”), sob outro ângulo, há diversas formas de manifestação e de funcionamento do sentido na língua quando de sua passagem para o discurso.

No caso das adivinhações, é notória a multiplicidade de sentidos. Ao enunciá-las, os sujeitos partem da opacidade semântica na linguagem para propor um desafio ao interlocutor, motivado a cair no engodo caso siga a linearidade das significações ou se atenha ao sentido univocizante do que é dito. Logo, para encontrar a resposta para o desafio, o sujeito interlocutor deve desconfiar da suposta transparência da linguagem, buscar em redes significantes outras possibilidades de sentido pensando em analogias com o que foi proposto na adivinhas. Vejamos alguns exemplos:

1. O que a areia da praia falou para o mar?

Resposta: *deixa de onda...*

2. O que é que se põe na mesa, parte, reparte, mas não se come?

Resposta: *baralho.*

3. Como faço para enterrar um defunto careca num caixão sem cabê-lo?

Resposta: *compra um caixão maior.*

4. Um pato vai subindo uma ladeira e põe um ovo. O ovo desce ou sobre?

Resposta: *O pato não põe ovo, quem põe ovo é a pata!*

Na primeira adivinhação, cria-se uma condição hipotética na qual a figura personificada do areia da praia pode falar algo para o mar. Nestas circunstâncias, o humor decorre do jogo entre uma gíria corriqueira do português brasileiro e as ondas do mar. É comum nas adivinhações esse tipo de recurso hipotético no qual uma condição é criada com o intuito de destacar a pluralidade dos sentidos,

mas no jogo esquivo e traiçoeiro típico às adivinhações essa condição pode ser cancelada, e a resposta esperada pode ser justamente a negação daquilo que foi proposto.

Na adivinhação 4, a chave para resposta está na negação do pressuposto. O termo “pato”, por não conter a marcação de gênero, poderia remeter igualmente aos representantes macho ou fêmea da espécie. Porém esperava-se do interlocutor justamente a não aceitação dessa possibilidade. No teste que aplicamos, essa adivinha figurava entre as 15 questões. Dos 30 alunos que responderam ao questionário, 18 disseram que o ovo desceria, 03 colocaram “sobe” como resposta e 09 disseram que pato não põe ovo. É possível perceber, assim, que a maioria dos alunos caiu no engodo da adivinha.

No material que coletamos, havia também uma adivinha (12) cuja descrição incidia sobre a própria palavra tomada como objeto de discurso: “O que é, o que é: estou no início da rua, no fim do mar e no meio da cara?”. A resposta esperada era a letra “r”, mas apenas 04 alunos responderam corretamente à questão, 12 escreveram “nariz” em suas respostas apenas para parte final da descrição da adivinha, 03 alunos responderam “sol” e 11 deixaram a questão em branco. Como afirmam Flores e Teixeira (2005, p. 81), “o signo é como um vidro transparente que permite ver outra coisa além dele próprio e essa transparência vem do fato de representar a coisa significada sem ele mesmo se refletir nessa representação.” Na adivinha em questão, recorreu-se justamente à transparência do signo para desviar a atenção do interlocutor. Era necessário, neste caso, considerar o caráter opaco da linguagem e tomar a própria palavra como objeto da enunciação.

Considerações Finais

Após a discussão levantada aqui e com base nos dados analisados, voltamo-nos para questão dos sentidos na língua. Como vimos, o próprio da linguagem é significar, ou melhor, criar possibilidades de negociação de sentidos entre o sujeito e seus outros. Tomando como parâmetro para o exame do assunto o caso particular da semântica das adivinhações, percebemos o modo com que os sentidos de adensam nas camadas significantes da língua e, de acordo com Adam (2011), diversas operações concorrem para isso. Neste aspecto, a língua dispõe de mecanismos responsáveis pela construção, desconstrução e reconstrução dos diferentes objetos de discurso, e o sentido resulta justamente processos que conferem à língua e aos sujeitos a capacidade infinda de renovação semântica.

Pensando em Authier-Revuz (1998), podemos dizer que adivinhações suscitam a faceta metalinguística de que se reveste a linguagem no plano do discurso. As diversas possibilidades inauguradas pela enunciação de uma adivinha põem à mostra o caráter metaenunciativo da língua quando de sua conversão em discurso.

Logo, é possível perceber que as adivinhas têm a propriedade de explicitar algo que na língua funciona de forma latente: a unidade e a dispersão dos sentidos se avizinham em um contínuo e irreduzível jogo enunciativo à semelhança de uma construção em abismo.

Desse modo, questionamos: se por um lado o sentido resulta das negociações enunciativas entre sujeitos em situação de interação linguageira, como não admitir, por outro lado, a existência de sentidos anteriores à colocação da língua em uso? Parece ser justamente esse o ponto de confluência entre um sistema imanente (nos moldes saussurianos) e a enunciação. Em outras palavras, a linguagem comporta um sistema responsável pela manutenção regular dos sentidos e, ao mesmo tempo, pelo fato de esse sistema servir à enunciação, implica as singularidades observáveis no uso que os sujeitos fazem de seu sistema.

Artigo recebido: 28/08/2013

Artigo aceito: 02/11/2013

Referências

ADAM, Jean-Michel. *Les textes: types et prototypes. récit, description, argumentation et dialogue*. Paris: Nathan, 1993.

_____. *A Linguística Textual: introdução à análise textual dos discursos*. Tradução de Maria das Graças S. Rodrigues, João G. da Silva Neto, Luís Passeggi e Eulália V. L. F. Leurquin. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. “Por uma colaboração das ciências do estabelecimento dos textos (genética, filologia, tradução).” In: RODRIGUES, Maria das Graças S.; SILVA NETO, João Gomes; PASSEGGI, Luís (Orgs.). *Análises textuais e discursivas: metodologia e aplicações*. São Paulo: Cortez, 2010.

ARIEL, Mira. “The Demise of a Unique Concept of Literal Meaning”. *Journal of Pragmatics*. (34), pp. 361-402, 2002.

AUSTIN, J. L. *How to Do Things with Words*. Oxford: Oxford University Press, 1962.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. “Hétérogénéités montréalaise et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l’autre dans le discours”. *D.R.L.A.V.* (26), pp. 91-151, 1982.

_____. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Trad. de Claudia R. C. Pfeiffer e outros. Revisão técnica da tradução: Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1998.

_____. *Entre a opacidade e a transparência: um estudo enunciativo do sentido*. Apresentação: Marlene Teixeira. Revisão técnica da tradução: Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BENVENISTE, E.. *Problemas de Lingüística Geral I*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988 [1956].
- _____. *Problemas de Lingüística Geral II*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989 [1974].
- BRÉAL, M. “Les lois intellectuelles du langage: fragment de sémantique”. In: *Annuaire de l'Association pour l'encouragement des études grecques en France*, 1883, XVII, pp. 132-142.
- _____, M. *Ensaio de Semântica*. São Paulo: Educ / Pontes, 1992 [1897].
- CHARAUDEAU, P. e MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.
- CHIERCHIA, Gennaro; McCONNEL-GINET, Sally. *Meaning and Grammar: An introduction to semantics*. Cambridge: MIT Press, 2000.
- CHOMSKY, A. N.. *Syntactic Structures*. 2nd edition. Berlin: Mouton de Gruyter, 2002 [1957].
- _____, A. N. *Reflexões Sobre a Linguagem*. Trad. Isabel Gonçalves. Lisboa: Edições 70, 1977.
- DIONÍSIO, Angela Paiva. “O que é o que é uma adivinhação?”. *Revista da Faced*. Salvador, (09) pp. 35-54, 2005.
- FLORES, Valdir do N. e TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à Lingüística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.
- FODOR, Jerry A. *The Language of Thought*. New York: Crowell, 1975.
- FREGE, G. *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1992 [1978].
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. 13. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
- GRICE, H. P. “Logic and conversation”. In: COLE, P. & MOROGAN, J. L. (eds.). *Syntax and Semantics*. Vol. 3: Speech Acts. New York: Academic Press, 1975.
- HENRY, P. *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.
- HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975 [1943].
- LABOV, William. Methodology. In: W. DINGWALL, William Orr (Ed.). *A survey of Linguistic Science*. Maryland: University of Maryland Press, 1971.
- LACAN, Jacques. *Seminário II: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1954-1955/1975.

- LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. The University of Chicago: Chicago, 1980.
- LEHRER, A.. *Semantic fields and lexical structure*. [s. l.]: North-Holland, 1974.
- MARCUSCHI, Luiz A.. “Perplexidades e perspectivas da Linguística na virada do milênio”. In: *DLCV: Língua, Linguística e Literatura*. Vol. 1, n. 3. João Pessoa/Santa Maria: Pallotti, 2005.
- _____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARINI-IWAMOTO, Daniela. *Os movimentos de sentidos nas adivinhas: um estudo enunciativo*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, São Paulo, 2006.
- MAURO, Tullio de. “Notas”. In: SAUSSURE, Ferdinand. *Cours de Linguistique Générale*. 4. ed. Paris: Payot, 1995.
- NORMAND, Claudine. *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2009a.
- _____. *Saussure*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009b.
- SEARLE, J. R. *Speech Acts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.
- _____. “Literal meaning”. *Erkenntnis*. Vol. 13, pp. 207-224, 1978.
- SILVA, Carmem L. da Costa. *A criança na Linguagem: enunciação e aquisição*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.
- TAMBA-MECZ, I. *A Semântica*. São Paulo: Parábola, 2006.
- TEIXEIRA, Marlene. *Análise de Discurso e Psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- ULLMANN, Stephen. *The principles of semantics*. 2. ed. Londres: Philosophical Library, 1957.
- _____, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 2. ed. Trad. J. A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkin, 1973.
- WEEDWOOD, B. *História concisa da lingüística*. São Paulo: Parábola, 2002.
- WEITZEL, Antônio Henrique. *Adivinha o que é: adivinhações, brincadeiras e perguntas*. Juiz de Fora: Diadorim EDUFJF, 1996.